

# Estratégias de intervenção em revestimentos históricos



Maria Rosário Veiga

Investigadora  
LNEC  
Lisboa  
rveiga@lnec.pt

**Palavras-chave:** Estratégias de intervenção; revestimentos históricos; consolidação; compatibilidade

## 1. INTRODUÇÃO

Os revestimentos de fachadas são os elementos mais exteriores dos edifícios, assumindo funções de protecção da alvenaria e de definição da imagem. A sua manutenção em boas condições de conservação é muito importante para evitar a degradação da parede, dificultando a penetração da água e dos agentes agressivos na alvenaria e prevenindo a decadência estética e consequente desvalorização. Até às primeiras décadas do século XX, as paredes exteriores constituíam, com as coberturas e os pavimentos, a estrutura dos edifícios, o papel de protecção dos revestimentos assume uma importância ainda maior, relacionando-se também com a durabilidade e estabilidade estruturais.

Para além da relevância das funções que desempenham, os revestimentos históricos apresentam uma imensa diversidade de materiais, texturas, cores e estilos (figs. 1 a 4) e são como tal testemunhos da técnica, ciência e cultura ao longo da sua vida útil, contando a história da evolução através das intervenções sofridas.

## 2. ESTRATÉGIAS

As intervenções sobre os revestimentos, necessárias para garantir o cumprimento das suas funções, não devem ser destruidoras nem descaracterizadoras desse testemunho. Há que definir a estratégia a seguir, com base num conhecimento profundo do existente, do seu estado de conservação, das soluções viáveis em cada caso e do seu modo de execução. Podem considerar-se, essencialmente, duas estratégias: 1) conservação, implicando, em

geral, limpeza, reparação, consolidação e reintegração (textural e cromática); 2) substituição parcial ou total dos revestimentos, usando produtos compatíveis, com características semelhantes e adequado funcionamento conjunto com a alvenaria antiga.

Do ponto de vista da ética da conservação, a opção pela preservação deve sempre ser considerada em primeiro lugar. Quanto maior for o valor histórico e artístico do edifício e do próprio revestimento, mais alargada deve ser a procura de soluções de conservação. As técnicas de consolidação e de reintegração estética são as que exigem um conhecimento mais especializado e a sua aplicação deve ser restringida a pessoal com formação e treino em conservação e restauro. No caso de revestimentos com valor reduzido e em mau estado de conservação pode optar-se por uma estratégia de substituição, que deve, no entanto, ser executada com recurso a materiais compatíveis, com base em ligantes do mesmo tipo dos usados nos revestimentos originais – cal, pozolanas, gesso – e evitando, tanto quanto possível, o cimento Portland e as resinas sintéticas.



Fig. 1 – Estação arqueológica de Mértola, período Romano. Revestimento de cal e pó de tijolo (*opus signinum*)

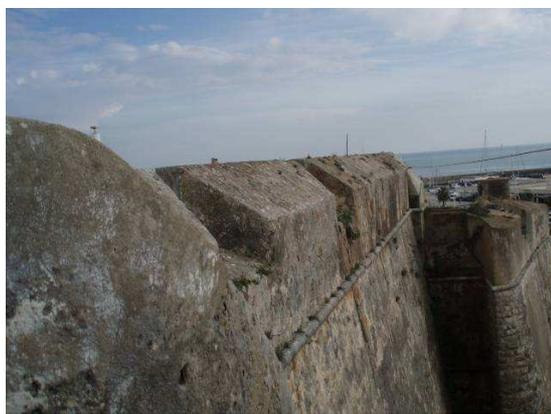


Fig. 2 – Forte de N.ª Sr.ª da Luz (Cascais, sécs. XVI-XVII). Revestimentos de argamassa de cal das muralhas



Fig. 3 – Revestimento de argamassa de cal, com fingidos de pedra (Igreja do Sacramento, Lisboa)



Fig. 4 – Revestimento exterior de marmorite de clã do edifício principal do LNEC (Lisboa, 1952)

## AGRADECIMENTOS

A presente comunicação insere-se no âmbito do Projecto PTDC/ECM/100234/2008, co-financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).